

***Roberto Rodrigues**

Pará Rural - Como iniciou sua relação com o campo? Fale-nos um pouco dessa experiência.

Sou neto e filho de agricultores; sou engenheiro agrônomo desde 1965, pela ESALQ, filho, sobrinho, primo e pai de engenheiros agrônomos. Nasci em uma fazenda do Estado, a atual Estação Experimental de Citricultura, em Cordeirópolis/SP. Portanto, minha ligação com o campo é visceral. Recém formado em agronomia, fui trabalhar na fazenda da família, em Jaboticabal/SP, em meio a uma grande crise do setor açucareiro, e éramos produtores de cana.

A partir daquela crise, entrei no Sistema Cooperativo como uma solução para as questões econômicas dos produtores rurais e, desde então, venho defendendo este segmento com unhas e dentes, qualquer que seja o cargo que tenha ocupado. Já fui presidente da OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras, SRB - Sociedade Rural Brasileira, ABAG - Associação Brasileira do Agronegócio, ACI - Aliança Cooperativa Internacional, COSAG - Conselho Superior do Agronegócio da FIESP, tendo também militado na área acadêmica como professor da UNESP/Jaboticabal e atual coordenador do GVAGRO Centro de Agronegócios da FGV.

E fui Secretário de Agricultura de São Paulo e Ministro de Estado de Agricultura e Pecuária.

Pará Rural - Muita coisa mudou desde então. Quais mudanças você considera mais importantes nessa trajetória?

Muita coisa mudou, e bastante. Talvez a mudança mais importante seja a tecnologia. Novas variedades, sistemas de produção, novos produtos deram outro impulso ao agro brasileiro. A abertura do cerrado nos anos 70 foi super importante na modernização. Os controles governamentais ficaram mais rígidos, exigindo muito mais gestão por parte dos produtores rurais.

Programas enormes como o Proalcool, o Prodecet, o Polocentro foram responsáveis por forte mudanças no campo. Penso que a soja, a brachiaria e o zebu foram 3 revoluções formidáveis no campo brasileiro e mudou a cara do setor.

Pará Rural - Como é a experiência de trabalhar com agronegócio?

Bom, este é o principal negócio do país: equivale a $\frac{1}{4}$ do PIB, gera $\frac{1}{3}$ de empregos e representa mais do dobro do saldo comercial brasileiro. Portanto, é uma honra trabalhar para este setor que na verdade é o sustentáculo do Brasil.

Pará Rural - Quais motivos o inspiraram a desenvolver a campanha Sou Agro?

Numa democracia, políticas públicas só são implantadas se a maioria da sociedade assim o desejar. Como a maioria da sociedade brasileira é urbana e desconhece o campo, a idéia é mostrar a ela esta maravilhosa realidade que construímos com tanto zelo nas últimas décadas, fazendo a agropecuária

brasileira ser uma das mais admiradas do planeta. Enquanto o mundo inteiro nos olha com admiração, aqui dentro não existe informação correta sobre nosso trabalho. Ao contrário, somos sempre os vilões da história. Isso começou com Pero Vaz de Caminha é sua célebre mentira. Aqui no Brasil, sem tecnologia não se produz nada. Mas o imaginário popular acha que “em se plantando, tudo dá”. Depois veio a acusação de sermos caloteiros, e por ai afora. É fundamental mudar essa imagem para o país voltar a respeitar o homem do campo e a atividade rural.

Pará Rural - O Senhor tem esse desejo de fazer o marketing do produtor rural há muito tempo. Quando levantou a bandeira foi prontamente atendido com as adesões dos parceiros. Como se sentiu?

Ao contrário, quando levantei a bandeira não fui prontamente atendido. Foram anos lutando por isso. E esta campanha só saiu porque os produtores rurais a lideraram, através da OCB, da Aprosoja, da Abrapa, da ABCZ, da Única, secundadas depois por outras instituições e empresas.

No entanto, as máquinas agrícolas não puseram um tostão, nem os frigoríficos, nem os bancos, nem as fiações, e nem outras representações de setores que vivem da agricultura. É incrível como esse pessoal só se serve dos agricultores, e não os serve em uma ocasião como essa. Mas não perdi a esperança de que ainda virão participar do “Sou Agro”.

Pará Rural - A imagem do Jeca Tatu pode ser desconstruída? Como? Há algo que o produtor rural possa fazer?

O “Sou Agro” foi criado para isso.

Pará Rural - A iniciativa Sou Agro tem como um dos seus principais objetivos aproximar a sociedade urbana do dia a dia do agro, mostrar às pessoas das grandes cidades a influência da agricultura e pecuária no cotidiano delas. Como você enxerga este “casamento”?

A idéia é mostrar a conectividade entre o rural e o urbano, que um não existe sem o outro. Não há calça jeans sem produtor de algodão, papel sem eucalipto, pneu sem seringueira, sapato sem boi, seda sem amora, perfume sem flor. Não há vida sem produção rural, mas não há produção rural sem mercado consumidor. Esta interdependência é o ponto central da campanha.

Pará Rural - A iniciativa Sou Agro, aliás, tem como um de seus principais motes mostrar a sintonia entre produção rural e meio ambiente. Como você vê a questão crescimento do agro em sintonia com a proteção ambiental?

O produtor rural é o maior ambientalista que existe: se ele não preservar seu solo, perderá a propriedade. Se cometeu erros no passado, foi porque não estava informado deles ou não havia legislação adequada. Por isso o Código Florestal é tão importante para definirmos de vez, o papel de cada agente no processo de preservação dos recursos naturais.

Pará Rural - Conceitos ecológicos, normas ambientais, leis de preservação são ferrenhas com o homem do campo. Como o Senhor vê essas questões?

O maior desafio é a inexistência de uma estratégia de desenvolvimento. O mundo espera que o Brasil aumente em 40% sua produção de alimentos nos próximos 10 anos. Para isso precisamos de logística e infraestrutura, de defesa sanitária decente, de uma política comercial moderna e agressiva, de maiores investimentos em tecnologia, de legislações modernas na área ambiental, trabalhista, previdenciária, fundiária, etc. Sem uma estratégia que envolva todos os segmentos do Executivo, Legislativo e Judiciário, não atenderam às expectativas do mundo quanto ao nosso crescimento, e perderemos o trem da história. Sem visão nessa direção, o que acontece é exatamente o contrário: cada vez mais pressão sobre os produtores rurais, inibindo sua capacidade de crescimento.

Pará Rural - Quais são as expectativas do Sou Agro em relação às propostas da presidente Dilma Rousseff para o agronegócio brasileiro?

Nossas expectativas são de que a Presidente Dilma Rousseff entenda que sem uma estratégia bem elaborada, o país será o grande perdedor. Já se disse no passado que um país só será rico com um agronegócio bem desenvolvido.

Pará Rural - E o Código Florestal? Qual o desejo do Sou Agro?

O mesmo desejo de todo cidadão brasileiro decente: uma legislação moderna e eficiente, que discipline o assunto, dando chance ao desenvolvimento sustentável do agro no país.

Pará Rural - Na visão do Senhor de que forma a atuação da Federação da Agricultura e Pecuária do Pará - FAEPA, vinculada ao O Sistema Sindical Rural, no âmbito nacional, tendo como seu órgão máximo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil - CNA, influenciou na evolução do rebanho tropical e na eficiência da pecuária?

O trabalho da CNA e da FAEPA tem sido fundamental para mudar a visão do governo, do legislativo e da sociedade urbana brasileira quanto ao nosso valor. Espero que continuem sempre nesta excelente linha de atuação.

Pará Rural - Gostaríamos que deixasse um recado para os leitores da Pará Rural, especialmente aos produtores rurais paraenses que comemoram os 60 anos de fundação da FAEPA.

Minha mensagem é de gratidão e de esperança. Gratidão por tudo o que já fizeram pelo agronegócio brasileiro e continuam fazendo, gerando riquezas, renda e excedentes exportáveis que são a grande moeda de nosso país. Sem esse trabalho maravilhoso feito ano após ano por milhares de homens e mulheres abnegados, lutando contra todo tipo de dificuldades, não teríamos construído este Brasil competitivo de hoje.

E esperança, porque sem ela não vale a pena viver. Mas tenho fundadas esperanças de que o governo e o legislativo perceba como nosso setor é essencial para o mundo – e são apenas para o nosso país – e finalmente definam uma estratégia integrada de desenvolvimento. E isso nos permitirá construirmos um Brasil muito mais justo e decente, par ao bem das próximas gerações.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**

REVISTA PARÁ RURAL – 09/2011 – ENTREVISTA PARÁ RURAL